

A ESCRITA DE CARTAS - ENSAIOS PARA QUESTIONAR O FAZER EM PESQUISA

THE WRITING OF ESSAY LETTERS TO QUESTION THE DOING IN RESEARCH

Bruna Moraes Battistelli (UFPR)

brunambattistelli@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0973-0934>

Érika Cecília Soares Oliveira (UFF)

erikaoliveira@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0003-4877-0971>

Luciano Bedin da Costa (UFRGS)

bedin.costa@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6350-2644>

RESUMO: Neste artigo, apresento a constituição de cartas-ensaios como possibilidade narrativa para o pesquisar, colocando em análise a produção de conhecimento desde nossos lugares de conhecimento. Para tanto, produzo um ensaio que tem como fio condutor a defesa da produção de uma política da intimidade e do erótico para a pesquisa. Para isso, aciono o diálogo que teço com intelectuais como bell hooks, Audre Lorde e Gloria Anzaldúa, uma conversa em composição para indagar como fazer uma pesquisa-relação preocupada em como nos encontramos e respeitamos as diferenças e como acolhemos múltiplas formas de existências em nossos processos de pensar e escrever uma pesquisa. Para alimentar a discussão proposta, as cartas-ensaios surgem como convite aos diálogos, à escrita falada e a desconstrução de um modo hegemônico de escrever os processos de pesquisa que, na grande maioria das vezes, capturam existências e línguas. Essa pesquisa mostrou que precisamos apostar no alargamento das possibilidades metodológicas que nos propomos, bem como demonstrou que a descolonização do conhecimento deve se dar de forma prática, nas ações de nosso fazer. As cartas-ensaios, desta forma, operaram como uma máquina produtora de abertura de encontros e diálogo entre interlocutoras/es da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: cartas; pesquisa; erótico; feminismos; Psicologia.

ABSTRACT: *In this article I present the constitution of essay-letters as a narrative possibility for research, analyzing knowledge production from our places of knowledge. To this end, I write an essay that has as its guiding thread the defense of the production of an intimacy and erotic policy for research. To do this, I use the dialogue I weave with intellectuals such as bell hooks, Audre Lorde and Gloria Anzaldúa, a conversation in composition to inquire how to carry out relationship research concerned with how we meet and respect differences and how we welcome multiple forms of existence in our processes of thinking and writing research. To feed the proposed discussion, the essay-letters arise as an invitation to dialogues, spoken writing and the deconstruction of a hegemonic way of writing the research processes that, in most cases, capture existences and languages. This research has showed that we need to invest in an enlargement of methodological possibilities that we propose to ourselves just like the decolonization of knowledge is supposed to happen in a practical form, in actions of our doing. The essay-letters, in this way, operated as a producing machine of opening of encounters, dialogues among the participants of this research.*

KEYWORDS: *letters; research; erotic; feminisms; Psychology.*

1 Introdução

Esta carta de Helena é minha, tua, de todos os que nela se quiserem encontrar - como as suas fotografias. Pode ser uma carta de amor a um país relapso - mas podemos também imaginar que este país relapso foi reinventado à medida desta carta de amor. Ou que as palavras desta carta são fósforos que se acendem para que o amor nos descubra e venha dizer-nos o que é. Ou apenas uma carta dentro de uma carta que procura as palavras certas. Todas as cartas são mapas tentados (PEDROSA, 2005, p. 16).

Mapas me lembram uma história, ou melhor, acionam uma memória. Um dia encontrei um envelope todo dobrado, de tão dobrado e tão guardado ele continha riscas de suas dobras, tão marcadas que tinha apagado pequenos pedaços da mensagem que dentro estava guardada. O que estava escrito? Não lembro mais, mas minhas mãos lembram da sensação das riscas, das dobras que se desenhavam no envelope e do pequeno papel que tinha dentro. Minhas mãos lembram da fragilidade do papel guardado há não sei quanto tempo, lembram dos vincos que o tempo frisou, meus olhos lembram do azul da tinta da caneta bic, meu corpo não lembra o que as palavras diziam, mas lembra da carta.

Era uma carta para mim? Uma carta de outra pessoa? Uma carta para quem? A memória do corpo faz com que a pesquisa seja pensada como uma série de dobras que vamos guardando em nossos corpos; resgato uma certa manualidade da memória em nossas pesquisas e em nossos escritos: quero a memória que passa pela mão. Minha mãe tem as mãos ásperas, quase que em relevo. Como empregada doméstica e com lúpus, os problemas de pele sempre a

acompanharam, mas, de uns anos para cá, ela vem desenvolvendo uma aspereza nas mãos que nenhuma médica consegue resolver. Nos momentos mais críticos, sua dor é visível, os menores atos do cotidiano lhe doem nas mãos. Pensar uma escrita e uma pesquisa que convoque os sentimentos e pensamentos pelas mãos é um gesto político, que desloca a centralidade da racionalidade e do tempo dos prazos que nos encharcam a vida. Em *Torto Arado* (2019), Itamar Vieira Júnior nos oferece uma descrição do poder das mãos:

Quando deixamos o ventre de Salustiana Nicolau — os vivos, os que morreram tempos depois e os natimortos — encontramos primeiro as mãos pequenas de Donana. Foi o primeiro espaço no mundo fora do corpo de Salu que ocupamos. Suas mãos côncavas que muitas vezes vi se encherem de terra, de milho debulhado e feijão catado. Eram mãos pequenas, de unhas aparadas, como deveria ser a mão de uma parteira, dona Tonha dizia. Pequenas, capazes de entrar no ventre de uma mulher para virar com destreza uma criança atravessada, mal encaixada, crianças com os movimentos errados para nascer (p. 21).

Quando iniciei esse trabalho, que é um recorte da tese intitulada *Entre cartas e conversas: por uma Política de Pesquisa feminista e contra-colonial para a Psicologia Social*, escrita pela primeira autora sob orientação dos demais autores, sonhei com uma pesquisa que se demorasse pelo mundo. Por se tratar de uma pesquisa que se propôs trocar cartas e conversar com pessoas, o estudo foi submetido e aprovado pelo comitê de ética (parecer de número 4.362.355 e CAAE 37368520.0.0000.5334). Mando-te o trecho de uma carta que me foi enviada por Luciana Caliman, uma das pessoas convidadas para colaborar com meu trabalho; ela retrata um pouco desse sentimento que me fica, de como uma pesquisa é um trabalho feito à mão.

Só hoje consegui ler a sua carta. Acho que ela estava esperando o “momento propício”. Há muito, muito tempo não escrevo no papel, não escrevo à lápis. E por alguns encontros, desejos despertados por leituras, vontade de “fazer à mão” ... hoje decidi comprar um caderno. Engraçado, mas não foi uma decisão simples e ainda não sei como será essa experimentação, mas acho que esta “disposição” criou o momento propício para uma carta que chega a mim com cor, pedaços de mão, traçados, linhas, esboços de pensamentos (Correspondência pessoal, 2022, s.p.)

Dessa forma, apresento neste ensaio, as cartas-ensaios como uma forma de operar uma política de pesquisa feminista, implicada com a problematização de formas hegemônicas de produção de conhecimento e de escrita acadêmica, buscando, a partir da escrita de cartas, as memórias do pesquisar e dos processos de invenção de mulheres e homens pesquisadoras/es no campo da Psicologia. Na pesquisa que inspira este artigo, conversei e me correspondi através de cartas com pesquisadoras/es de todo o Brasil (23 ao total) e também com duas pesquisadoras que vivem em Portugal. A escolha das pessoas se deu inspirada na técnica de escolha de amostra

snowball (bola de neve), que consiste em se escolher os participantes da pesquisa por indicação e relevância para o campo a ser estudado. Um modo que permite alargar as possibilidades de escolha, de ir conhecendo pessoas que são importantes na trajetória de outras pessoas, a partir de afetos e proximidades. Não há neutralidade em uma pesquisa escrita a partir das manualidades da memória, que se inspira nos saberes de intelectuais feministas como Gloria Anzaldúa, bell hooks e Audre Lorde, e a escolha da amostra, dessa forma, também é interessada: em fazeres artesanais, cuidadosos, amorosos, inventivos e que coloquem a produção de pesquisas e de conhecimento em questão no miúdo do cotidiano. Neste artigo, focado na escrita de cartas e o que elas ensinam para pesquisadoras/es no campo da Psicologia Social no campo das memórias e das narrativas, ressaltamos as pistas metodológicas que o escrever cartas fez ressoar.

Para quem gosta de cartas, de trocas de correspondências e de destinar escritas, fazemos o convite para acompanhar os correios que a primeira autora já produziu (BATTISTELLI, 2017; BATTISTELLI; CRUZ, 2021a; BATTISTELLI; OLIVEIRA, 2021b; BATTISTELLI, 2022). A inspiração para tanto são intelectuais, como bell hooks (2021; 2022) que, ao longo de seus livros, vai nos deixando pistas de como atingir a experiência do maravilhoso, de como acionar a sabedoria prática em nossos cotidianos e vai abrindo camadas de sua experiência para que outras possam trilhar por um caminho de produção de conhecimento desde os seus corpos.

2 Escrever pesquisas a partir dos meus pertencimentos: uma política da intimidade

Assim como escrevemos cartas pessoais, este artigo desenvolver-se-á em primeira pessoa, expressando as possibilidades que a tese da primeira autora ressaltou enquanto escrita ensaística epistolar. Escrever com cartas, em convites para o diálogo e troca, então, se tece com as reverberações de meus guardados; guardar sempre foi um procedimento difícil para mim: guardo as coisas por um tempo e as descarto (faço isso com as escritas também). Consigo escrever de novo, mas reler é algo que amplia a minha angústia de uma maneira muito dolorida. Isso acontece com você? Com a pandemia e a tese me vi obrigada a reolhar, reler, rever os guardados que compõem meu trabalho. A maturidade e a memória, dessa forma, foram aliadas e fui tracejando com minhas experiências um percurso possível em um tempo impossível. Assim, trabalhar uma pesquisa a partir das cartas é fazê-las aliadas da memória, do narrável e do inenarrável em tempos de precariedade.

Saiba que foi difícil aceitar as ranhuras que me acompanham, foi difícil aceitar que o tempo para a escrita não foi aquele imaginado no início do doutorado, que o mundo para a escrita não foi o sonhado por quem escreve. As cicatrizes de um tempo devastado com tantas mortes, de um mundo em decomposição são parceiras nesse trabalho. Nesse processo, escrever virou aquela atividade que fazemos no enquanto: enquanto lavo louça, cuido do enteadado, planejo aula, limpo a casa, alimento as gatas, faço comida, namoro e vivo. A vida cotidiana é parte importante nesse processo e se o pessoal é político, mais do que teorizar sobre o como a vida acadêmica ainda é pouco acolhedora para mulheres que são casadas e/ou que cuidam de crianças pequenas, resolvi mostrar o quanto tudo isso me acompanha e os efeitos que têm para minha escrita.

“Esqueça o quarto só para si - escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir e o acordar” (ANZALDÚA, 2019, p. 90). Escrevo sempre na e com angústia, mas não deixo que minhas palavras morram em mim. Nesse processo, nem sempre consigo escutar as palavras que ecoam de meu corpo como nos convida Anzaldúa (*op. cit.*); a pressa é grande, e a autora nos diz que não dá para esperar o tempo da escrita, assim, não posso me dar ao luxo de esperar ter a inspiração, de ter o tempo de trabalhar as palavras, o silêncio em casa para aquietar a releitura necessária; escrevo no enquanto, escrevo com pressa, escrevo na urgência da vida que passa acelerada e que, durante os últimos tempos, precisou encontrar formas de furar o tempo da exaustão e do trabalho insano que veio com a pandemia para seguir produzindo. Escrever na pandemia foi exaustivo, mas uma das atividades que me manteve viva. Quantas, como eu, seguiram produzindo para conseguir sobreviver? Escrevo também pensando naquelas que foram esmagadas pela pouca tolerância que as instituições têm com mulheres que têm vida para além dos estudos. A academia foi feita pensando em corpos muito específicos, em um corpo muito específico: homem, branco, solteiro, sem filhos, com pais que podem lhe prover e lavar sua louça, homens com tempo para o trabalho de contemplação do pensar como faziam os filósofos gregos. Aquelas/es que variam disso, encontram obstáculos e uma infinidade de sentimentos de culpa, como se nunca conseguissem alcançar o patamar esperado. Sou uma mulher branca, cis, lésbica, filha da Ana e do Beto, em um relacionamento com a Luciana, madrastra do Apolo, tutora de duas gatas, irmã do Vinícius, neta da Edi, da Eneida, do Ignácio e do Dorvalino, vinda da periferia de uma das cidades dormitórias de Porto Alegre: Viamão.

Anzaldúa (2021) afirma que o procedimento de nomeação é como ela faz a presença dela conhecida, afirmando quem e o que ela é e como ela quer ser conhecida. Nomear, afirma

a autora, é uma tática de sobrevivência. Eu sou um corpo variado do que a academia espera para uma doutora e produzi minha tese, que originou este artigo, no tempo do enquanto. E que enquanto te escreve luta com as lágrimas que teimam em cair, elas caem pela insegurança que escrever uma tese causa, pelas inseguranças vividas em tempos em que a educação e estudar não são garantia de um bom trabalho (leia aqui emprego decente com vínculo adequado). Sou uma mulher que vem de origem trabalhadora, sou madrasta de uma criança pequena, lésbica, advinda de uma região onde não se supunham doutoras/es. Questiono os modos de produção de conhecimento desde os meus pertencimentos.

E, dessa forma, afirmo que não há pesquisa sem emoção e esse é um ponto fundamental. Se queremos descolonizar nossos processos de escrita e pesquisa, *corazonar* a produção de conhecimento (ARIAS, 2010), é preciso que reconheçamos o lugar dos sentimentos, das emoções e da ternura em nossos registros de pesquisa. Nosso problema (o de quem foi socializada/o a partir de ensinamentos ocidentalizados e eurocentrados) nos lembra Sobonfu Somé (2007), já que quando estamos com um problema não o sentimos o suficiente. “Se permitirmos ao coração lidar com os problemas que experimentamos, ele nos levará a locais que não são lógicos, porém são mais eficazes” (*op. cit.*, p. 127). Sobonfu fala dos problemas do cotidiano entre casais e de como os Dagaras alimentam o espírito da intimidade.

A aposta, desta forma, se dá em uma política da intimidade, sustentada na e pelos encontros e que se importa é o como tu (leitora/or) vai se sentir nesse processo e o como te afeta o que escrevo. A qualidade do texto é medida em termos do quanto a leitora/leitor sentiu-se convidada/o para a conversa, do quanto achou que era para ti as cartas que escrevo. A delimitação dos materiais e conteúdo acionados na escrita é medida em termos de reverberações, de estima, de cuidado e celebração. Te escrevo como quem manda cartas de amor (EMICIDA, 2019). Com hooks (2020b) aprendi que amor é celebração da vida, em gesto de responsabilidade com a/o outra/o e consigo mesma/o. Reverbero em cartas temas que surgiram em conversas e nas trocas de cartas, em um vai e vem não medido pelos tempos acadêmicos nem medido pelo tempo do cronograma de pesquisa.

Escrevo falando como se estivéssemos em uma conversa, como se próximas/os fôssemos. Escrever falando é um procedimento de escrita que estimo e fico pensando na riqueza e diversidade linguística que é apagada e silenciada pela norma culta do português, principalmente quando vamos avançando no mundo acadêmico. Escolho seguir, mesmo em um artigo com a linguagem na primeira pessoa, e, com isso, convido outras/os pessoas ao combate epistêmico a partir de seus pertencimentos. Invente com o que te ofereço e meça os textos que

você lê pelo tesão que eles te dão em escrever. Compartilho contigo o desejo de que formemos uma comunidade, a sensação de pertencer a uma comunidade é importante para nossas vidas (SOMÉ, 2007).

E para habitar a academia a partir de uma política do erótico, precisamos de companheiras/os, seres com quem possamos nos aliançar e conjurar pedaços de terra para que existências plurais ganhem força e espaço. Se supomos ocupar a produção de conhecimento desde os nossos corpos e pertencimentos, precisamos de alianças. Uma dessas, que permitiu que a escrita da tese que inspira este artigo fosse possível e que movimenta o fazer pesquisadora da primeira autora é Audre Lorde; mulher, negra, feminista, lésbica e tudo mais que a permite ao exercício de inteireza. Se “como mulheres, acabamos desconfiando do poder que emana de nossos conhecimentos mais profundos e irracionais” (LORDE, 2019, p.68), precisamos de coletivos, de encontros que nos permitam abrir essa porta e ampliar nossa percepção sobre como estamos produzindo conhecimento e o que intentamos com nossas produções.

Pensar sobre encontros e corpos em uma pesquisa é, então, voltarmos para a obra de autoras como Lorde (2019; 2020) e entendermos nossas disposições para o encontro, para as redes afetivas que construímos e alimentamos. Quem convidamos para sentar-se à mesa? Com quem nos relacionamos e qual a qualidade dessas relações? E como nos colocamos em campo? “O erótico não diz respeito apenas ao que fazemos; ele diz respeito à intensidade e à completude do que sentimos no fazer” (LORDE, 2019, p. 69.) Assim, antes de pensarmos com quem nos relacionamos, sobre nossa disponibilidade ao encontro, precisamos olhar para nosso próprio corpo, para nossas forças, do quanto nos permitimos e de qual vazão damos ao desejo. Desta forma, para que a pesquisa opere como um conjuramento de intimidade, bell hooks (2017; 2019b; 2020a) nos fala da necessidade de pensarmos a dimensão do prazer, muitas vezes jogada para debaixo do tapete como algo menor, pouco interessante e que, assim como o amor, não é preocupação no mundo acadêmico.

Volto a essa questão ainda com uma cena muito presente: era início do segundo semestre do doutorado e um colega me indaga, pois, de acordo com ele, eu estaria fazendo errado alguma coisa, já que me sentia feliz com meu trabalho de pesquisa. Como constituir um trabalho de pesquisa que seja desejado, que seja prazeroso e que dê tesão? Perguntas que me acompanham e que lanço a você, como ofertas possíveis em tempos de dor, ódio, cansaço e paralisia. Escrevi a tese que inspira esse processo de ensaio quando o Brasil batia recordes em relação aos mortos pelo COVID-19, eram, na época, mais de 1.900 pessoas em um único dia. Era impossível escrever apartada de toda as formas de dor e todas as mortes que ocorriam. E, para apostar nas

políticas de intimidade, encanto e ampliação da vida, para seguir apostando na pesquisa e na docência, foi preciso saudar e comemorar os encontros que alimentam o encanto, que movimentam palavras e que permitem que sigamos... Como responder com vida àqueles que desejam a morte, como nos indagam Simas e Rufino (2020)?

Como exercitarmos o uso do poder do erótico, como nos fala Audre Lorde, se não praticarmos o amor-próprio, como nos questiona bell hooks? Algumas pessoas lerão minhas interrogações e dirão que essas preocupações não são importantes em meio a um cenário como o que vivemos (governos ultraconservadores, pandemia, neoliberalismo, crise econômica). Alguns, principalmente, homens brancos e sua irritante preocupação com o “bem” da ciência, dirão que esses são assuntos para feministas, para militantes, para mulheres, para LGBTQIAPN+s. Sou tudo isso e muito mais e é com todas essas partes que escrevi a pesquisa que sustenta este artigo; me inscrevo em minha pesquisa, pois o exercício (e o convite) é pesquisar com todas as minhas partes.

Ao longo do processo de formação no doutorado ainda pairava no ar certo assombro com o desejo de uma tese escrita prioritariamente com mulheres (fui chamada de muito radical por escrever uma tese inspirada em autoras). Um certo espanto quando se rejeita a autoria masculina branca europeia em detrimento de autorias trans, negras, feministas e lésbicas. Se irá falar de amor, que fale com os homens da psicanálise; se irá falar de produção de conhecimento, que seja com os filósofos europeus (mais contemporaneamente, aceita-se algumas mulheres brancas estadunidenses). Poderia seguir com uma lista de assuntos e de como temos blocos referenciais irritantemente brancos e masculinos para todos, mesmo com autoras proeminentes nos assuntos. Conto-te isso, pois tu sabes que as feministas estarão comigo ao longo do processo: para pensar a pesquisa, a escrita, concepções de mundo e de psicologia. Mulheres intelectuais que pensam os corpos em sua inteireza, que aprenderam a respeitar sua força interna, que experimentaram o poder do erótico e compartilharam em versos, ensaios e livros sobre quão intenso é essa experiência.

Dessa forma, acredito que uma pesquisadora desobediente precisa olhar para estas produções, para esses corpos “dissidentes” que cruzam caminhos outros e pensar sobre como posiciona seu corpo, sobre o quanto escuta seus saberes interiores e o quanto de espaço abre para seus monstros e medos. “Uma vez que conhecemos a extensão do que somos capazes de experimentar, desse sentimento de satisfação e completude, podemos constatar quais dos nossos vários esforços de vida nos colocam mais perto dessa plenitude” (LORDE, 2019, p. 68). Há quem vá ler e, capturada/o pelo modo de vida apressado e desenfreado que vivemos, entenderá

que a autora nos exige demais, que ela fala do mesmo lugar daquelas/es que defendem o excesso de produtividade, clamam por aceleração e pelo consumismo. A autora, ao contrário, fala de um sentimento íntimo de satisfação, não de nos cobrarmos o impossível.

Uma aposta na força vital das mulheres, a energia criativa que reivindicamos em nossa linguagem, nossa história, nossa dança, nossos trabalhos, nossas vidas (LORDE, 2019, p. 70). Na capacidade de nos amarmos (HOOKS, 2020b) e, assim, estarmos inteiras em nossas produções. Precisamos resistir a um “sistema que rouba do nosso trabalho o seu valor erótico, o seu poder erótico e o encanto pela vida e pela realização” (LORDE, 2019, p. 69). Assim, quando penso a dimensão dos encontros na pesquisa, quando proponho conversas-encontros em que a reciprocidade seja objetivo, intento um pesquisar aliançado com o cuidar. Não o cuidar tutelar que foi se constituindo ao longo dos séculos como papel das mulheres em relação àquelas/es com as/os quais o capitalismo não desejava se preocupar. Falo de um cuidar que se constitui como acontecimento (MEHRY, 2006) na relação entre pessoas que experienciam um estar junto para além de formalidades de cargos e trabalhos. Um cuidado que estaria próximo ao que Audre Lorde nos diz quando fala sobre a capacidade de compartilharmos o gozo, do poder de compartilhar intimamente alguma atividade com outra pessoa.

Compartilhar o gozo, seja ele físico, emocional, psíquico ou intelectual, cria uma ponte entre as pessoas que dele compartilham que pode ser a base para a compreensão de grande parte daquilo que elas não têm em comum, e ameniza a ameaça das suas diferenças (2019, p. 71).

O quanto sua pesquisa comporta o sentir com intensidade, o se abrir para uma autoconexão compartilhada (LORDE, 2019)? Assim, pensar uma pesquisa-relação, construída no fulgor dos encontros é preocupar-se com o compartilhamento de sentimentos. “Quando negligenciamos nossa experiência, erótica ou não, nós usamos, em vez de compartilhar, os sentimentos daquelas que participaram dessa experiência conosco. E o uso sem consentimento da envolvida é abuso” (LORDE, 2019, p.73). Muitos lerão a autora e entenderão que a mesma fala de sexo, de amor, de relacionamentos íntimos, de questões que importariam às mulheres e às feministas, circunscrevendo sua obra como aquela que discute problemas femininos, não verão ciência, não verão relação com a produção acadêmica de conhecimento. Pesquisar, desse modo, sentando-se à mesa com Audre Lorde, é pensar em quanto nossas relações acadêmicas, por vezes, são abusivas, pois, ao invés de compartilhar experiências, muitas vezes, acabamos por usá-las em nosso benefício.

A diferenciação entre uso e compartilhamento, a necessidade de entendermos o erótico como uma capacidade de compartilhamento é, portanto, uma pista importante de pesquisa/escrita. Uma pesquisa-relação precisa entender o uso do erótico como força motriz para a produção, um processo de responsabilização com o outro, consigo mesma e com o que advém da pesquisa. Como manter o anonimato sem discutir sobre isso com as pessoas que encontramos na pesquisa? Uma garantia *a priori* que rompe com a responsabilização pela relação, pelo encontro e que abre brecha para os abusos advindos da interpretação, dos recortes e de um encapsular a existência alheia no “bom e velho” discurso sobre o outro. Já passei por isso e foi desagradável; a pesquisadora me convidou para uma troca de cartas e, mais tarde, vi um trecho do que eu tinha escrito recortado, descontextualizado e analisado ao bel prazer da pessoa. Para entender e acolher o poder do erótico, a pesquisadora precisa de tempo, precisa entender o medo que sente de instâncias como o comitê de ética, precisa encontrar suas redes de afetos e compartilhamentos e estabelecer parcerias com outras/os que pensem de forma próxima.

3 Ensaiar com cartas, ou melhor, a escrita de cartas-ensaios

Ao longo do processo de escrita da tese, escrevi quatro cartas-ensaios que funcionaram como uma espécie de móbile: sabe aqueles que colocamos em cima do berço dos bebês? Esses mesmos. Cada carta é uma parte do móbile, uma versão da pesquisa, uma espécie de micro-mundo possível de ser girada à vontade; a sensação de vertigem é um bom movimento para nos deslocarmos pelo mundo. Uma pesquisa pendular, que vai se contando de pouco a pouco, que se movimenta e é movimentada por quem mexe nela. Deste modo, escolhi não antecipar o conteúdo de cada carta-ensaio e nem das pequenas cartas. Somente na montagem final e por exigência da biblioteca da universidade produzi um sumário. Uma forma de acionar a curiosidade: entre por onde te convier, se tua vontade é conversar, seja bem-vinda/o. Não há *escrevedora* de cartas neste mundo que se sustente com a antecipação do conteúdo que cada envelope ou maço de papel guarda. Escrever cartas é um gesto de aliança com a memória, com um certo retrato do tempo vivido por quem as escreve e quem as recebe. Escrever cartas supõe mistério, uma instigação à curiosidade (o que há dentro do envelope?). Você já experimentou a sensação da expectativa antes de abrir um envelope recém-chegado dos correios (não vale lembrar das cartas-cobranças)? Sua caixa de correios guarda o que? O primeiro procedimento de uma pesquisa deve ser de atíçar a curiosidade. Escrevo cartas sustentada pelo desejo; um

desejo amoroso, de confiança, de estabelecimento de uma relação de cuidado e respeito, lembrando do que hooks (2021) nos ensina no livro Tudo sobre o amor: novas perspectivas.

As cartas fazem abertura para um modo de operar: destinar escritas! Destinar uma escrita é um ato político de engajamento com a tessitura de comunidades (HOOKS, 2017; 2021); não há pesquisa feminista se não houver uma comunidade amorosa de aprendizagem. Alimentar comunidades em que vozes múltiplas sejam misturadas é uma aposta política, ou melhor, é a política que guia uma pesquisa feminista e contracolônial. Se escrevo pensando em alguém, se escrevo a partir do endereçamento, dos pertencimentos, é porque desejo um corpo, desejo encontros entre corpos e espíritos, desejo um trabalho encarnado, no qual importa com quem e desde onde conversamos.

Pensando em como habitar a escrita acadêmica a partir de um fazer apaixonado e *corazonado*, recolhi dois modos de escrever: a escrita epistolar e o ensaio e os fundi em cartas-ensaios como Ítalo Calvino nomeou (GUERINI; MOYSÉS, 2009), ou ensaios epistolares como descobri que Eduardo Lourenço nomeava suas cartas vivas (SOARES, 2011). Quem são esses e do que estou falando? O primeiro é um escritor italiano que descobri faz pouco tempo e que escrevia muitas cartas nas quais exercitava o papel de escritor crítico, se comunicando com outros escritores por cartas. Já o segundo é um autor português que também tinha como hábito a escrita de cartas-ensaios, uma aposta no gênero epistolar no encontro com o ensaio. Não tenho intimidade com eles, mas, no encontro com suas políticas de nomeações de escrita, me arrisquei em possibilidades narrativas epistolares. Buscando uma política de escrita andarilha, em percurso e habitante de entres é que fui tecendo cartas-ensaios que pudessem evidenciar os processos desenvolvidos na pesquisa, apresentar os efeitos que ressoaram em meu corpo e o diálogo com minhas/meus interlocutoras/es.

Ao todo, foram cinco cartas-ensaios; coleções de cartas escritas ao longo do processo de doutoramento: a primeira foi escrita para uma amiga, a segunda para uma jovem que iniciou a formação em psicologia, a terceira para uma amiga que deseja fazer o mestrado em psicologia e não sabe o que/como fazer, a quarta é para quem se interessa pela escrita e a quinta é minha coleção pessoal de cartas que ganhei ao longo da pesquisa. Minhas interlocutoras foram inspiradas em amigas, alunas, colegas de grupo; um exercício imaginativo de endereçar a escrita. Nomeei como amigas minhas destinatárias, pois a amizade é ponto importante no processo de pesquisa e formação. Não acredito em processos de formação e de pesquisa que não sejam alimentados pela amizade, em uma política de constituição de comunidades amorosas de aprendizagem.

Cartas-ensaios, desta forma, precisam ser temperadas pelo tempo em que são escritas; as minhas são registros do vivido durante a pandemia por COVID-19, tempo este, que entre outras coisas, restringiu a possibilidade de retornos e voltas ao texto (as escritas, leituras e releituras são feitas entre uma tarefa e outra); foi um tempo de urgência, em que a afinação foi se dando inundada por afetos que nem sempre são alegres. Escrevi ensopada de memórias, encharcada por uma vida que, por mais de um ano, aconteceu no tempo do intempestivo, da exaustão e da violência. E se falo em termos de encharcar e ensopar é porque tenho andado com Paulo (Freire), tenho lido suas cartas, suas pedagogias: da Indignação e da Esperança (FREIRE, 2019). Escrever uma pesquisa com cartas-ensaios, desta forma, é ser consciente do tempo vivido e do como esse intervém no fazer pesquisadora: sou uma mulher, companheira de alguém, madrasta de uma criança pequena, com uma carga de trabalho do cuidado e doméstico importante e que nem sempre é levado em consideração pelo tempo hegemônico acadêmico (dos prazos, demandas de produtividade, de internacionalização etc.). As cartas, deste modo, operam como máquinas do tempo, que alargam possibilidades, aproximam pessoas, encurtam distâncias e aquecem conversas que são registros de uma época, dos fatos que acompanham o pesquisar e o escrever. Transformam a memória da pesquisa em alargada, pois a pesquisadora-escritora ensaia a partir dos fios de sua existência e do tempo em que existe.

4 As cartas como possibilidade para uma escrita feminista

Acredito que escrever 'cartas' tenha sido minha primeira experiência de escritor. Nelas guardava uma necessidade, maior que palavras, de lapidar sensibilidades e rebuscar emoções.

Fábio Monteiro; André Neves, *Cartas a povos distantes*

Conheci os Giramundos por intermédio de Fábio Monteiro e André Neves, que escreveram um livro sobre dois meninos separados por um oceano de distância e que, através de suas cartas, entrelaçam as histórias de Brasil e Angola num livro chamado *Cartas a povos distantes* (2015). A história que envolve a troca de cartas entre o Giramundo de cá com o Giramundo de lá me acompanha na proposta de uma pesquisa escrita com e por cartas. Tenho me preocupado com a escrita e quero uma escrita que cuide e que acolha e faça girar mundos.

Qual foi tua primeira experiência como escritora? Tu lembras? Por aqui foram com as cartas. Eu as escrevia para minha mãe, em uma espécie de intermediação entre minha avó e

minha mãe; duas mulheres que tiveram pouco tempo de escolarização, mas que, por toda minha infância e início da adolescência, trocaram cartas. Lembro da chegada do carteiro, de sentir o envelope que vinha de São Lourenço do Sul (cidade em que a minha avó morava), de correr para avisar que a vó tinha mandado notícias; com minha entrada no mundo das letras, eu já me autorizava a abrir a correspondência e contar as notícias para minha mãe. A correspondência, dessa forma, opera com a pactuação de tempos distintos: o tempo do alargamento do contexto social e o tempo miúdo das memórias cotidianas.

Como cuidar do tempo? Venho pensando com meus botões. Escrever uma pesquisa em meio a uma pandemia, vivendo em um apartamento de menos de 60m², com uma criança que se encaminhava para o cinco anos (um ano inteiro vivido na quarentena), dividindo tarefas domésticas e horários de trabalho com minha companheira, escrevendo e lendo à noite ou de manhã cedo; uma experiência intensa, e falei sobre isso ao longo da tese, pois o tempo que vivemos nos acompanha no pesquisar acadêmico, é parte do que produzimos: sou uma carteira que viveu a pandemia, e, se aprendi algo sobre esse processo todo é que não podemos fingir que ele não existiu; precisamos falar da angústia, das mortes, do mundo, da pandemia, do isolamento (ou do não isolamento de trabalhadoras/es que assim como minha mãe foram consideradas como trabalho essencial).

As cartas que rompem o laço da inviolabilidade de cartas vivas (SOARES, 2011). A autora conta do processo de escrita epistolar de Eduardo Lourenço e conta que ele chamou de cartas vivas aquelas em que rompia o lacre do envelope e as publicava. Gostei demais desse nome e resolvi transformar a correspondência que teci na tese em cartas vivas. Que a vivacidade das palavras permita que essas escritas povoem mundos, ampliem escritas, permitam que outras/os também se permitam escrever. Uma escrita gestada há muito custo em tempos pandêmicos e imersa em um mundo de sensações muito variadas: por horas uma escrita de ódio, em outras uma escrita otimista; por horas habitada pela desesperança.

As cartas-ensaios também foram inspiradas na escrita de romances epistolares como o livro intitulado *A cor púrpura* (2020) de Alice Walker. Conheci esse gênero com o livro *Ligações Perigosas* (Choderlos de Laclos, 1792/2015), posteriormente com o livro *Precisamos falar sobre Kevin* (de 2011 e escrito por Lionel Shriver) e pelo livro *Cartas para minha mãe* (2010) de Teresa Cárdenas. Percorrendo a memória em busca de referências percebi que o *Drácula de Bram Stoker* (1993) e o *Frankenstein*, de Mary Shelley (2015) também bebem da inspiração epistolar. No entanto, *A cor púrpura* (2020) encara algo que gosto demais, que é a escrita oralizada, como se tu estivesse escutando uma pessoa falar; o livro é uma coleção de

cartas de Celie, uma mulher negra do Sul dos EUA, para Deus e algumas cartas para sua irmã Nettie. Celie narra a Deus aquilo que é impossível falar com os outros e com suas cartas vamos encontrando com sua vida, por muitas vezes dura demais, acompanhando também os momentos de brisa fresca com as descobertas dela com o amor. O livro e o filme são experiências muito diferentes; ler Alice Walker é algo mágico que muda nossa percepção das relações e do viver. A autora escreve como se fizesse uma colcha de retalhos, vai montado carta a carta, a história de suas personagens, assim como nos mostra as marcas dos processos de escravização da população negra e os efeitos do patriarcado supremacista branco nos EUA. Walker (2020) escreve desde os pertencimentos de suas personagens e alarga a ideia de produção de conhecimento; Celie pode não saber escrever direito, mas nos ensina a amar como uma ação que vai se arriscando mesmo quando vítima de violências patriarcais e racistas severas. Um romance que nos dá pistas éticas para que possamos nos comprometer com as relações no exercício da pesquisa. Questionar a produção de conhecimento desde os nossos pertencimentos, dessa forma, só é possível quando acolhemos em nossos textos intelectuais, autoras e personagens que vivam o mundo a partir de suas mais variadas experiências.

Tenho interesse pelos movimentos que as cartas causam em quem as lê, gosto do efeito delas no texto e de como meu pensamento voa mais fácil por escritas em que há uma destinatária e um recorte de temporalidade.

REFERÊNCIAS

- BATTISTELLI, Bruna Moraes. *Carta-grafias: entre cuidado, pesquisa e acolhimento*. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- BATTISTELLI, Bruna Moraes; CRUZ, LÍlian Rodrigues da. Cartagrafias: a escrita acadêmica entre cuidado, pesquisa e acolhimento. *Revista Subjetividades*, v. 21, n. 2, 2021a.
- BATTISTELLI, Bruna Moraes; OLIVEIRA, Érika Cecília Soares. CARTAS: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica. *Currículo sem Fronteiras*, v. 21, n. 2, p. 679-701, 2021b.
- BATTISTELLI, Bruna Moraes. *Entre cartas e conversas: por uma política de pesquisa feminista e contra-colonial para a psicologia social*. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2022.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (org.). *Histórias das mulheres, histórias feministas*. São Paulo: MASP, 2019. v. 2, p. 85-94.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands / La frontera: La nueva mestiza* (Ensayo) (Spanish Edition). Editora Capitán Swing Libros, 2021.

ARIAS, Patricio Guerrero et al. Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia (primera parte). *Calle 14 revista de investigación en el campo del arte*, v. 4, n. 5, p. 80-95, 2010.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira. M. Bagatin. Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve). *REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, 27, 2011.

CÁRDENAS, Teresa. *Cartas para a minha mãe*. Pallas Editora, 2010.

DE LACLOS, Choderlos. *Ligações perigosas*. L&PM Editores, 2015.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em revista*, n. 24, p. 213-225, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

GUERINI, Andreia; MOYSÉS, Tânia Mara. A carta ensaio de Italo Calvino: confluências entre os gêneros epistolar e ensaístico. *Fragments: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras*, n. 36, p. 135-148, 2009.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019a.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Editora Elefante, 2019b.

HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2019c.

HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Editora Elefante, 2020a.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Elefante, 2020b.

HOOKS, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

JUNIOR, Itamar Vieira. *Torto arado*. Todavia, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Autêntica Editora, 2019.

LORDE, Audre. *Sou sua irmã: escritos reunidos*. São Paulo: Ubu, 2020.

LOURDES SOARES, Maria de. O ensaio epistolar de Eduardo Lourenço: hibridismo, heterodoxia, liberdade. *Abril: Revista dos Estudos de Literatura Portuguesa e Africana-NEPA UFF*, v. 4, n. 6, p. 89-98, 2011.

MEHRY, Emerson Elias. *O cuidado é um acontecimento, e não um ato*. In: Fórum Nacional de Psicologia e Saúde Pública: Contribuições Técnicas e Políticas para avançar o SUS. Brasília, 20, 21, 22 de outubro de 2006. Conselho Federal de Psicologia, 2006, p. 69-78.

MENESES, Maria Paula. Outras vozes existem, outras histórias são possíveis. *Diálogos cotidianos. Petrópolis: DP et Alii*, p. 247-265, 2010.

MENESES, Maria Paula. Memórias de violências: Que futuro para o passado? *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 106, p. 03-08, 2015.

MONTEIRO, Fábio; NEVES, André. *Cartas a povos distantes*. São Paulo: Paulinas, 2015.

PEDROSA, Inês. *Carta a Uma Amiga – sobre fotografias de Maria Irene Crespo*. Lisboa, Texto Editores, 2005.

RODRIGUES, Sérgio. *Cartas Brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Encantamento (sobre política de vida)*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. E-book.

SHRIVER, Lionel. *Precisamos falar sobre o Kevin*. Editora Intrínseca, 2011.

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. São Paulo: Odysseus, 2007.

STOKER, Bram. *Drácula*. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, 1993.

WALKER, Alice. *A cor púrpura*. São Paulo: Editora José Olympio, 2020.

Artigo submetido em: 29 mar. 2023

Aceito para publicação em: 24 jun. 2023

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.131262>